

**Grayci Kelli de  
Freitas Patrocínio**

(UFPE)

ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-2227-7997>.

E-mail: [graycikelli@gmail.com](mailto:graycikelli@gmail.com)

**André Luiz Maranhão de Souza-  
Leão**

(UFPE)

ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-7660-5845>.

E-mail: [andre.sleao@ufpe.br](mailto:andre.sleao@ufpe.br)

**Para uma epistemologia da  
cultura de cancelamento**

***Towards an epistemology of  
cancellation culture***

***Hacia una epistemología de la  
cultura de la cancelación***

## RESUMO

O referido ensaio teórico se debruça sobre conceber a *episteme* que sustenta a existência e as transformações da cultura do cancelamento nas sociedades contemporâneas e, para tanto, recorre aos estudos do filósofo Michel Foucault, especificamente no que tange sua Arqueologia do Saber, cuja finalidade se desenha para desvelar que regularidades e regras permitem ao surgimento e existência de tal fenômeno. Destarte, este trabalho se guia no intento de delinear como é possível compreender a cultura do cancelamento a partir da *episteme* foucaultiana, cuja conclusão sinaliza tanto essa possibilidade como para outros aspectos revelados a partir desta visão da *episteme* sobre a existência, manutenção e transformação da cultura do cancelamento.

**Palavras-chave:** cultura do cancelamento; Foucault; *episteme*.

## ABSTRACT

This theoretical essay focuses on conceiving the *episteme* that sustains the existence and transformations of the cancel culture in contemporary societies and, for that, it resorts to the studies of the philosopher Michel Foucault, specifically regarding his Archeology of Knowledge, whose purpose is designed to reveal which regularities and rules allow for the emergence and existence of such a phenomenon. Thus, this work is guided by the attempt to conceive how it is possible to understand the culture of cancellation from the Foucaultian *episteme*, whose conclusion signals both this possibility and other aspects revealed from this view of the *episteme* on the existence, maintenance and transformation of the cancel culture.

**Key words:** cancel culture; Foucault; *episteme*.

## RESUMEN

Este ensayo teórico se centra en concebir la *episteme* que sustenta la existencia y transformaciones de la cultura de la cancelación en las sociedades contemporáneas y, para ello, recurre a los estudios del filósofo Michel Foucault, específicamente en lo que se refiere a su Arqueología del saber, cuyo propósito es diseñado para revelar qué regularidades y reglas permiten el surgimiento y la existencia de tal fenómeno. Así, este trabajo se orienta por el intento de concebir cómo es posible comprender la cultura de la cancelación desde la *episteme* foucaultiana, cuya conclusión señala tanto esta posibilidad como otros aspectos que se revelan desde esta mirada de la *episteme* sobre la existencia, el mantenimiento y la transformación de la cultura de la cancelación.

**Palabras clave:** cultura de cancelación; Foucault; *episteme*.

Submissão: 23-1-2023

Decisão editorial: 21-12-2023

## Introdução

Num decorrer de tempo menor do que uma década atrás não imaginaríamos que as menções, usos de certas palavras, colocações, imagens e outras práticas discursivas carregadas de preconceitos, racismos, xenofobias, LGBTfobias, classismos pudessem trazer consequências reais e materiais a quem lançasse mão de tais recursos em suas falas e posicionamentos, mas a inserção e exponencial expansão das redes sociotécnicas nas sociedades atuais, bem como dos recursos de mídias digitais, promoveram o descomunal alcance da informação a todos os cantos do planeta em que houvesse esse tipo de comunicação (CASTELLS, 1999; GONÇALVES; DUARTE, 2020), abrindo-se, assim, o terreno para o surgimento de novos fenômenos peculiares a este ambiente, cujas consequências seriam imediatas à realidade.

Junto a isso, o cenário figurado pelos efeitos da globalização e do desenvolvimento tecnológico, no contexto social, afetam profundamente as formas culturais de convivência na sociedade e, conseqüentemente, viabilizam novas formas de saber, que servirão de recurso para o novo agente contemporâneo. Desse modo, a globalização e o avanço tecnológico permitem que acontecimentos locais se expandam ao nível global, alterando modos de vida, verdades esta-

belecidas e a própria noção de realidade. Outrossim, as experiências dos sujeitos também se configuram em outras agências e entendimentos, considerando-se que as noções de tempo e espaço foram alteradas pelo mundo interligado, gerando desconforto em relação aos saberes e verdades sedimentados pelo tempo (COSTA; DE SOUZA-LEÃO, 2018; AMARAL; SOUZA; MONTEIRO, 2015; JENKINS, 2009).

A cultura do cancelamento tem sua extensão atrelada a diversas origens que lhe foram atribuídas. Tendo por seio os movimentos negros, feministas, de gêneros etc. (NORRIS, 2021), a configuração de tal fenômeno, grosso modo, se dá de maneira que uma denúncia é feita, aciona engajamento nas redes sociais, de onde começam a transbordar comentários, reações e ataques a uma figura pública ou empresa, prejudicando sua carreira e vida (VILCHEZ & COELHO, 2020). Diante de tamanha repercussão num fenômeno, cujo âmbito é o mundo Ocidental, faz-se imprescindível o aprofundamento da questão para melhor entendimento.

A expansão da cultura do cancelamento se configura como um fenômeno decorrente da expansão das mídias digitais (LOKHANDE; NATU, 2022), portanto, em construção, em termos conceituais e originários. Sabendo-se que seu aparecimento é atribuído a diversas razões e acontecimentos e que, em quase todos os casos, verificam-se ligações com defesas de causas de grupos minoritários e como subterfúgio de defesa de suas pautas ou lugares sociais, faremos as explanações de alguns autores e visões sobre o assunto, de onde chegamos que este fenômeno carrega aspectos que fogem às compreensões das ciências em moldes modernos, exigindo que busquemos cami-

nhos mais amplos e criativos que possibilitem a construção de um melhor entendimento daquele.

Diante disso, adotamos como objetivo desse trabalho desvelar as epistemes que sustentam a cultura do cancelamento. A adoção da perspectiva foucaultiana para compreender o aspecto da *episteme* em tal fenômeno se faz a partir de uma visão crítica à concepção tradicional da ciência sobre a construção do conhecimento (FOUCAULT, 2008), considerando as relações sujeito-objeto-sujeito da realidade social, ainda, levando-se em consideração importantes conceitos deste ciclo arqueológico do saber, como positividades e práticas discursivas, assim como as formações discursivas e do objeto, constituintes da *episteme* foucaultiana.

Conclui-se, então, que, ao se situarem os fatores componentes da *episteme* em correspondência com as circunstâncias e características para surgimento e existência da cultura do cancelamento, pode-se conceber que a expansão da internet e das mídias sociais, em termos de acessibilidade, foram dos pontos mais fortes e característicos para a expansão do fenômeno, visto que apareceram nas condições elencadas para a *episteme* nas condições históricas (tempo), no campo da exterioridade (espaço), nas relações institucionais e nas relações discursivas, demonstrando-se fator decisivo para o fortalecimento da cultura do cancelamento, porém, não os únicos, mas é inegável a importância atrelada a elas e ao fenômeno estudado.

Outrossim, a pergunta de pesquisa que apresentamos é: **Como a cultura do cancelamento pode ser compreendida a partir da *episteme* foucaultiana?** A qual buscaremos responder a partir de construções

embasadas nesta visão foucaultiana, cumprindo o papel de um ensaio teórico.

## **Sobre cultura do cancelamento**

A cultura da convergência se caracteriza pela formação de uma importante tríade (cultura, comunicação e convergência de mídias) resultante das diversas movimentações no mundo interligado, que culminaram numa rede relacional, formada por comunidades virtuais, produtores de conteúdos digitais, entre outros, e findaram por influenciar a maneira de consumir e produzir dos indivíduos em todos os aspectos de suas vidas, mudando, inclusive, a forma de pensar, voltada aos interesses de uma ou mais comunidades culturais com as quais se identifica (JENKINS, 2009).

Desse contexto, por sua vez, derivam muitas mudanças que ocorreram com a chegada das mídias sociais e promoveram a descentralização do controle da esfera pública das mãos de uma minoria poderosa e viabilizaram reivindicações por justiça social a outras minorias, antes silenciadas. Por outro lado, desde remotas sociedades, a vergonha pública seguida de desculpas públicas compõe as regras da vida social e, depois do acontecido, ficavam no passado. Contudo, com a presença dos recursos digitais da atualidade, o arquivamento desse tipo de episódio pode ser resgatado ao presente, a qualquer momento, recuperando-se assuntos comprometedores, localizados num passado longínquo de alguém, e cujas informações e situações descontextualizadas podem, inclusive, servir a usos duvidosos em mãos antidemocráticas (MAYER-SCHONBERGER, 2011; CORREIA; RÊGO, 2021). Neste sentido, desenha-se uma das facetas da cultura do

cancelamento, que surge sob a reprovação de alguns, com argumentos de promover a segregação, comprometer o diálogo social, conduzindo a uma conformidade ideológica, mas que, para outros, figura como justiça que expõe ações hediondas contra oprimidos (MUELLER, 2021; NORRIS, 2021; PIPYROU, 2018).

A cultura do cancelamento é um fenômeno contemporâneo que se expandiu com o acirramento de usos e importância das redes sociais na vida corriqueira e esse crescimento é atribuído, primeiramente nos Estados Unidos, à comunidade virtual negra *Black Twitter*, que usava a plataforma como meio de disseminação da cultura afro-americana e de engajamento para movimentos de transformações sociopolíticas. Anteriormente, o termo ganhou repercussão a partir de uma brincadeira num programa de TV, quando foi propagada a hashtag *#cancelled*, no intuito de denunciar empresas e celebridades que mostrassem, em suas retóricas, posturas racistas e/ou machistas, cujas consequências diretas seriam mitigar apoio às instituições ou celebridades envolvidas e seus poderes, como forma de destacar e condenar injustiças sociais. Posteriormente, outras movimentações sob o mesmo discurso foram engendradas, tais como: *#BlackLivesMatter* *#OscarsSoWhite* e *#ICantBreathe* (PEREIRA & ALBERTO, 2022; TANDOC *et al.*, 2022).

Contudo, há um outro lado da moeda em que a cultura do cancelamento é considerada sufocamento da liberdade de expressão (TANDOC *et al.*, 2022; MUELLER, 2021). Sob este prisma, autores defendem que a cultura do cancelamento pode ser maléfica à sociedade, porque bane aqueles que apresentam divergências com uma visão menos à esquerda e que tal fenômeno pode conduzir a sociedade a um

desequilíbrio das convenções (SAGE, 2022). Geralmente, são perspectivas atreladas ao pensamento conservador e religioso, com matizes de valores rechaçados e combatidos, diretamente, pela cultura do cancelamento.

Ora, a cultura do cancelamento se constitui por um acerto de contas público que reivindica o ajustamento de condutas em relação a uma transgressão social daqueles que, até pouco tempo atrás, sentiam-se confortáveis para se posicionarem, de modo inadequado, em relação a episódios, por exemplo, de racismo, capacitismo, LGBTfobia e transfobia, sem que os atores atingidos pudessem se manifestar ou se defender (MUELLER, 2021; MATHEUS & RAMOS, 2021). De outro modo, a cultura do cancelamento se caracteriza como um fenômeno da cultura contemporânea, suportado em visibilidade pelas redes sociais, que serve, por exemplo, tanto à anulação simbólica de afeto dos fãs contra seus ídolos, ainda que temporariamente, como para tensionar lógicas de poder instituídas socialmente (PEREIRA DE SÁ; PEREIRA ALBERTO, 2021). A título de ilustrações destas possibilidades, apresentamos exemplos como os casos impulsionados pelo #MeToo, que cancelaram personalidades por supostas acusações de agressão sexual e violência. Bem como Donald Trump, que usou o Twitter para uma campanha de cancelamento à Goodyear Tire Company, por esta ter proibido seus funcionários de expressarem apoio político no local de trabalho, incluindo através de vestimentas com mensagens indiretas, como “Make America Great Again (MAGA)”.

A seguir, apresentamos recortes das mídias digitais que ilustram os casos mencionados acima:



Fonte: <https://autopapo.uol.com.br/curta/trump-guerra-goodyear/>

## Movimento #MeToo gera 417 acusações de assédio em empresas, diz consultoria

Caso Harvey Weinstein é apontado como principal fator para o aumento de acusações contra executivos



Participantes do movimento #MeToo durante manifestação em Los Angeles - Damian Dovarganes/Associated Press

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/06/movimento-metoo-gera-417-acusacoes-de-assedio-em-empresas-diz-consultoria.shtml>

**PODER360**

### Bolsonaristas criticam Carosella após falas contra o presidente

Chefa de cozinha afirmou que "quem apoia Bolsonaro é escrito no burrão", deu a declaração em entrevista ao DoCast



Falar Carosella disse que "quem apoia Bolsonaro é escrito no burrão" e falou mais no vídeo

**PODER360**  
23 mai 2022 Segunda-feira - 17:24

Fonte: <https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaristas-criticam-carosella-apos-falas-contra-o-presidente/>

**PODER360**

### Internautas pedem boicote à Ypê após doações de donos a Bolsonaro

Família Berra, dona do marca de Império, doou R\$ 1 milhão para campanha de reeleição do presidente



Consumidores criticaram a Ypê depois de doações dos donos a Bolsonaro. No Instagram, ativistas curtiu o marca em uma postagem de protesto

**PODER360**  
23 mai 2022 Segunda-feira - 10:48

Fonte: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/internautas-pedem-boicote-a-ypê-apos-doacoes-de-donos-a-bolsonaro/>

Em outros exemplos, situados no Brasil, durante as eleições de 2022, tivemos as situações de uma personalidade famosa, Paola Carosella, que, por se posicionar, politicamente, contra o governo e a candidatura de Bolsonaro, foi alvo de cancelamento por parte dos apoiadores deste. Ao passo que a marca de produtos de limpeza Ypê foi alvo de cancelamento, pelo mesmo motivo, porém por apoiar Bolsonaro, pelo que foi incitada a ser cancelada por críticos deste governo.

Essa iteração entre perspectivas progressistas e conservadoras, ou mesmo críticas e apoiadoras sobre a cultura do cancelamento, em termos de sua definição, alinha-se ao que defenderemos no enfoque da episteme foucaultina. Tendo-se em vista que é um fenômeno de representatividade recente, os enfoques epistêmicos se apresentam com mais evidência, como uma variação afetada, exatamente, por auspícios temporais, espaciais, institucionais e discursivos, que somados, sobrepostos ou selecionados dentre esses, demonstram a episteme (FOUCAULT, 2008) sustentadora das definições, ponto que será mais bem abordado em seção adiante.

O cancelamento ocorre em torno de um sentido normativo específico, pautado por um grupo de pessoas que se unem em torno de um aspecto essencial com o qual se identificam e convergem no movimento para cancelar alguém ou algo (HOFF; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2020; INOCÊNCIO; REBOUÇAS, 2021). Outro aspecto do cancelamento digital é que ele carrega uma dimensão moral, visto que reclama da não-observância de uma norma fundamental para um grupo específico, ferindo as obrigações de reciprocidade para um convívio social mais justo. Durante este pro-

cesso, o grupo que se ofende se põe moralmente superior ao cancelado, naquele momento específico, normalmente figurado por pessoas ou instituições com visibilidade e importância social que, de algum modo, sinalizaram aderência a uma causa ou pauta social (CAMILLOTO; URASHIMA, 2020).

Desta forma, quem comete a transgressão aciona o mecanismo onde o ofendido recorre a alguém do seu grupo que detém notoriedade para reforçar as convenções deste grupo, mobiliza a rede de pessoas que compartilham da causa para expor e constranger, publicamente, o transgressor (CAMILLOTO; URASHIMA, 2020; LOPES, 2022), isto visa, principalmente, a diminuir drasticamente sua influência nas redes sociais e fora delas, através de boicotes e pressão por medidas disciplinares, como ilustrado nos exemplos acima

Assim, a cultura do cancelamento demonstra que os entendimentos a seu respeito têm sido motor propulsor de diversas interpretações e permanece em constante remodelamento ao longo do tempo. Neste sentido, salientamos que adotamos a perspectiva da cultura do cancelamento enquanto recurso de política ativista de consumo, amparada na busca por descentralização do poder institucionalizado na sociedade e por transformações nesta, visando à justiça social.

Por conseguinte, por ser um fenômeno recente, o que dificulta seu amplo entendimento sob a égide do conhecimento nos moldes do pensamento moderno e sua ideia de delimitação do saber, desafiando as ciências para sua compreensão a partir de outros paradigmas ontológicos e epistemológicos, sugerimos que a abordagem foucaultiana, através da episteme, pode nos conceder uma compreensão mais adequada do fenômeno.

## A episteme em Foucault

A teoria foucaultiana se constitui por dois ciclos: o da arqueologia e o da genealogia. Como nosso propósito é de desvelar as epistemes que sustentam a prática da cultura do cancelamento, seguiremos com a arqueologia do saber, tendo em vista que se caracteriza pela circunstância histórica que viabiliza certa forma de pensamento, considerando, ora, que o saber não se refere àquele disseminado pela história das ciências ou pelo amplo senso comum, mas se situa nas particularidades dos discursos. Além disso, a arqueologia busca conceber os fenômenos historicamente, inseridos em suas respectivas épocas e condições políticas, filosóficas, sociais etc., e não permite que determinado objeto seja ordenado sob a dicotomia de progresso e atraso, em relação a outras épocas em que o objeto possa ter existido (THIRY-CHERQUES, 2010; CAMARGO; DE SOUZA-LEÃO, 2015).

Em seu livro “Arqueologia do saber”, Foucault (2008) aborda o saber a partir de desconstruções ignoradas pela ciência histórica tradicional e amplia a crítica às outras ciências da natureza e da vida. Ademais, visa a conceber como surgem e se transformam os saberes, de onde se expandem para análises históricas, que, por seu turno, revelarão a configuração que permitiu tal aparecimento e em que instituições e políticas se sustenta (COSTA; GUERRA; DE SOUZA-LEÃO, 2013; AQUINO, 2019). Dito isto, apresenta os elementos que fundamentaram seu conceito de saber, quais sejam: positivities e as práticas discursivas, enquanto meios para uma arqueologia do saber. Porém, anterior ao próprio saber, temos a *episteme*, concebida como um elemento ou uma regularidade transversal a todos os conhecimentos, como uma

regra condicional à existência da ciência em uma determinada época, através das práticas discursivas, cujo conjunto de relações, situados em determinado tempo, desembocaria em epistemologias, ciências e alguns sistemas formalizados (FOUCAULT, 2008).

É imprescindível destacar que a arqueologia não pretende estabelecer origens de objetos, mas perceber a regularidade dos seus enunciados, assim como as formações discursivas devem ser caracterizadas por incoerências internas, na rede discursiva, e não por alguma continuidade. Outro aspecto a se destacar é que não se busca uma análise causal, mas a diversidade de discursos, e, por fim, busca reconhecer as relações possíveis entre as práticas discursivas de uma época (COSTA; GUERRA; DE SOUZA-LEÃO, 2013; THIRY-CHERQUES, 2010)

As positivities não são conhecimentos em estado bruto, ou anteriores ao estado de ciência, em sua formalidade. Positividades carregam o conjunto de regras de uma prática discursiva que formam grupos de objetos, conjuntos de enunciações etc. (Foucault, 2008). Estes elementos não podem ser considerados como ciência, pois suas relações são mais amplas do que as exigidas por esta; também não são um acúmulo de experiências e crenças e cujas referências seja um sujeito que as detêm. São, isto sim, uma base para a formação de um conhecimento ou erro constatado, uma verdade admitida ou falsidade desmascarada. Não se concebe que os elementos sejam um pré-conhecimento, mas sim que tenham origem na prática discursiva, para que, posteriormente, possam se tornar discurso científico, para além dos rigores evocados por esta condição, que possam enfatizar os

objetos de que se ocupam, os conceitos manipulados e as estratégias usadas.

Destarte, o conjunto de elementos formados por uma prática discursiva é imprescindível à formação da ciência, apesar de não se destinar a apenas isto, configurando o saber. O saber também é o espaço para que o sujeito possa se posicionar e discursar sobre o objeto de que se ocupa (ex.: interrogação, descrição, decifração, registro, decisão etc.), é espaço para coordenar enunciados, em termos de subordinação, de modo que novos conhecimentos possam se conectar aos anteriores. Um saber é definido pelas possibilidades de uso e de apropriação que seu discurso oferta (FOUCAULT, 2008), que pode se articular com outros discursos ou até com práticas não discursivas. Pode haver saber sem ciência, porém não há saber sem uma prática discursiva definida, que, por seu turno, pode se definir pelo saber que ela cria.

Para Foucault (1999), os indivíduos são os protagonistas da vontade do saber, quando assimilam, processam, transformam suas compreensões sociais. Configuram-se, assim, os enunciados, que se originam no indivíduo, mas vão além deste, e derivam na episteme, que viabiliza a compreensão sobre como se figura a subjetivação e compreensão dos indivíduos ao vivenciarem e processarem suas experiências com os diversos saberes ao longo da vida (CAMARGO; DE SOUZA-LEÃO; MOURA, 2020).

Esse contexto nos conduz ao conceito de *episteme*, cujo entendimento remete a uma visão de mundo situada historicamente e que permeia todo o conhecimento e estrutura de pensamento de uma determinada época e da qual nenhuma pessoa poderia lhe escapar. Tal configuração se revela a partir

das regularidades discursivas encontradas entre as ciências de uma dada época, tendo em vista que a *episteme* se constitui por práticas discursivas e não se limita nem é imóvel, tampouco se prenuncia como ciência ou uma nova versão de constituição do tipo. Ao contrário, permite várias perspectivas relacionais e questiona os preceitos de existência da ciência com base na transcendentalidade, mas busca identificar as formações que caracterizam uma prática histórica (FOUCAULT, 2008).

As formações discursivas, então, permitem as constituições de relações laterais, subordinadas ou defasadas, ao longo do tempo, para que se chegue à cientificidade, à formalização do conhecimento. A *episteme* não é uma ciência ou protociência, mas caracteriza o conjunto de relações, situadas temporalmente, em diversos campos do conhecimento, cujas regularidades discursivas permitem ser analisadas, sem, contudo, permitir que se encerrem os limites possíveis para as mudanças nessas relações. Assim, a *episteme* se perfaz pelas relações entre ciências, epistemologias, positivities e práticas discursivas para conceber limites e coações temporários que constituem o discurso, de modo que a *episteme* se erige pelas positivities das práticas discursivas para possibilitar epistemologias e ciências (FOUCAULT, 2008).

Por seu turno, os enunciados são grupos de performances verbais interligados, não entre si, mas enquanto aderentes ao regime geral a que seus objetos obedecem e, dentre todos os matizes que o constituem em possibilidades, revelam o modo como se institucionalizam, são recebidos, empregados, os modos de utilização e reutilização, as combinações entre si e como são objetos de apropriação, alcance de interesses

ou desejos, recursos para estratégias. Os enunciados carregam as funções enunciativas, cujo sistema está atrelado a performances verbais e a outros sistemas (lógico, linguístico e psicológico), constitui a formação discursiva, que, por sua vez, viabiliza a prática discursiva, compreendida como conjunto de regras anônimas, históricas, situadas no tempo e no espaço e numa determinada área ou domínio que enseja o exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008).

Ao abordar a formação dos objetos, Foucault (2008) busca elucidar as regras de formação enquanto condições para as formações discursivas, envolvendo dispersões, coexistências, ordem, posicionamentos, funcionamentos, inseridos numa certa regularidade. Este caminho é adotado a partir da busca pelas condições que favorecem seu surgimento, não a sua origem, mas as regras e relações que propiciaram essa existência. Destarte, Foucault (2008) propõe que as relações entre instâncias de emergência, de delimitação e de especificação possibilitam a formação do objeto da formação discursiva dentro de um conjunto de semelhanças, que podemos enumerar como:

Condições históricas (tempo): lugar no tempo em que se possa dizer algo sobre o objeto do discurso, que possa ser dito por diversas pessoas, que se digam coisas distintas sobre o objeto, que tenham relações de semelhanças, diferenças, transformações, distanciamento com outros objetos de um domínio similar.

Campo de exterioridade (espaço): não é necessariamente um lugar geográfico, mas um campo que seja exterior ao objeto do discurso, são relações entre instituições, processos, sistemas de normas, técnicas, formas de comportamentos etc., que não definem o objeto, porém fornecem o “terreno”, por assim dizer, propício para que ele apareça.

Relações institucionais: são relações que nem sempre se sobrepõem às relações formadoras de objetos, mas se referem às relações secundárias, iminentes ao próprio discurso, que permeiam as relações entre partes envolvidas no surgimento dos objetos.

Relações discursivas: são relações que nem são internas, nem são externas ao discurso, mas estão em seu limite, concebidas como um arcabouço de relações que o discurso precisa formar para mencionar, abordar, nomear, explicar o objeto, caracterizado na própria prática do discurso.

Por fim, elucidamos que as condições elencadas não indicam que os objetos tenham natureza estável ou constante, tampouco os domínios que deles derivam, suas características ou lugar de aparecimento, mas, sim, a identificação das relações entre as dimensões em que podem surgir, ser delimitados, analisados e especificados (FOUCAULT, 2008).

## **O descortinar da episteme na cultura do cancelamento**

Diante das explanações acerca da episteme foucaultiana e suas formações podemos, ora, buscar os caminhos para a compreensão da cultura do cancelamento dentro desta perspectiva e, para tanto, iniciamos por situá-la como fenômeno da contemporaneidade e constituído por elementos que só estão, em sua maioria, presentes neste tempo, como a internet e as mídias sociais. Sob outro prisma, é um fenômeno que envolve valores éticos e morais, além de intentar doutrinar comportamentos de acordo com os valores sociais vigentes na atualidade.

Deste modo, concebemos que a episteme foucaultiana pode oferecer uma compreensão da cul-

tura do cancelamento convergente com suas características de surgimento, atuação e mudanças nas sociedades contemporâneas. Ademais, este fenômeno é sustentado e foi originado por práticas discursivas, haja vista sua existência atrelada ao movimento das redes sociotécnicas, figurando importante aspecto da *episteme*. Esta perspectiva epistêmica justifica, ainda, a multiplicidade de definições para o fenômeno, justamente porque cada enquadramento temporal, espacial, institucional e discursivo se mescla ou se exclui para compor uma definição que se adeque aos termos evocados.

Neste sentido, podemos continuar a situação da cultura do cancelamento com a *episteme* partindo para a importância das práticas discursivas, viabilizadas pelas formações discursivas, sob cujas regras (anônimas, históricas, situadas no tempo e espaço e em determinado domínio) se cumprem as funções enunciativas. Contudo, as formações discursivas são quem revelam as *epistemes* dos objetos, que, neste caso, refere-se à cultura do cancelamento e são as regras daquelas formações que nos permitem desvelar as regularidades reveladoras do objeto, delimitado e coagido, temporariamente, para sua existência. Essas regularidades estão relacionadas com as seguintes condições elencadas por Foucault (2008) e nas quais localizamos aspectos para a formação da cultura do cancelamento:

### **Condições históricas (tempo)**

Considerando-se que a *episteme* pressupõe o estudo sob determinado objeto inserido no seu contexto temporal como uma das prerrogativas para sua existência, no tocante à formação da cultura

do cancelamento, ante a *episteme*, temos que a contemporaneidade da internet e das mídias sociais, pertencentes apenas a esta temporalidade, cujo fluxo informacional, em termos de velocidade e alcance, viabilizou o compartilhamento de dados e conferiu grandiosidade ao tema.

Juntamente com esse cenário, a cultura do cancelamento foi ensejada de diferentes formas por pessoas de distintos lugares sociais, como nos exemplos ilustrativos da sessão sobre o fenômeno, onde este se apresenta, por um lado, partindo de uma pessoa poderosa, como o ex-presidente dos EUA (Donald Trump), que convocou um boicote (cancelamento) à marca de pneus Goodyear, como resposta a uma ação da empresa que visava a evitar o apoio às pautas daquele por parte de seus funcionários, no ambiente de trabalho. Por outro lado, o movimento #MeToo, que representa uma coletividade feminina contra casos de assédios sexuais na mídia, pressiona por boicotes (cancelamentos) de personalidades e empresas ligadas aos casos de assédio e representa a força da coletividade sobre casos de violência contra mulheres ao redor do mundo. Do mesmo modo, os exemplos ilustrativos sobre cancelamento da marca de produtos de limpeza Ypê, pelo apoio ao governo Bolsonaro, e o cancelamento incitado com a famosa chef Paola Carosella, por se opor ao mesmo governo.

A cultura do cancelamento cumpre outro fator da *episteme*, que diz respeito a diferentes visões sobre o mesmo objeto, quando se constitui ferramenta de justiça social para oprimidos e explorados, na contemporaneidade, apoiados por partidos e movimentos de esquerda. Mas, concomitantemente, é intitulado como ferramenta de censura e de imposição

ideológica por elites e posições políticas de direita e conservadores.

Ademais, o advento das mídias digitais e da internet permitem que o passado seja reavivado a cada vez que alguém almejar atingir outrem e acesse eventos do passado deste que lhes possam comprometer na atualidade.

### **Campo da exterioridade (espaço)**

Em termos de espaço, no sentido trazido por Foucault (2008), primeiramente, pontuamos que o fenômeno se configura nas civilizações ocidentais, principalmente, mas encontramos alguns casos no Japão, na Índia etc.

A despeito de ser um ponto material em termos de espaço, configura-se como relações o contexto de que as redes sociotécnicas e a internet permitiram a transposição geográfica às pessoas que delas participam, proporcionando a chance de que indivíduos com as mesmas pautas reivindicatórias pudessem se unir em prol do objetivo comum, ainda que localizadas em lugares distantes. Essa união seria em termos virtuais e o que gera força de mobilização nas pautas do fenômeno.

Há, também, a realidade de redução da esfera privada, cujo espaço migrou, em boa parte, para a esfera pública, que teve expansão com a exposição promovida e estimulada pelas redes sociais, promovendo maior visibilidade da vida cotidiana das pessoas, onde elas também expõem seus pontos de vista e posicionamentos a um público amplo e desconhecido e que poderá se valer dessa informação para julgar comportamentos e conduzir ao cancelamento da pessoa, numa situação futura.

Ainda, este contexto permitiu que a esfera pública fosse descentralizada do controle das elites e das mídias tradicionais e se tornasse fragmentada nas mãos das pessoas em rede, independente de suas classes sociais, conferindo poder de mobilização aos coletivos de diversas naturezas e com objetivo de mudanças sociais, sendo este um dos aspectos de rechaço das elites ao fenômeno. Além disso, o campo da exterioridade é uma regularidade que influencia, fortemente, como a definição sobre a cultura do cancelamento será elaborada, considerando-se o trânsito espacial em que se insere quem a define.

## **Relações institucionais**

A vociferação das causas das minorias silenciadas desponta como nascedouro do fenômeno, portanto, os movimentos representantes dessas majorias seriam os legitimadores da ação. Por conseguinte, a cultura do cancelamento tem aspectos normativos, pautados pela união de um grupo de pessoas em torno de um tema com que se identificam e convergem para cancelar o alvo que ocasionou o cenário ofensivo àquele grupo, muitas vezes, assumindo papel de juízes ou tribunais informais, nas redes sociais e mídias, que, contudo, têm servido de material para que tribunais oficiais e juízes formais se embasem para adequar suas decisões à nova realidade e às expectativas e protestos das pessoas desfavorecidas, configurando-se, deste modo, uma das características da *episteme*, que se refere às relações secundárias que envolvidas na formação do objeto.

Sob outro prisma, os grupos das elites que se sentiam livres para fazer seus posicionamentos sem nenhuma restrição rechaçam o fenômeno e lhe con-

ferem títulos de censura e ameaça ao convívio social. Todavia, são grupos caracterizados por conservadores e religiosos, que, em sua maioria, deparam-se com questionamentos e críticas ao *status quo* em que se inserem com privilégios e regalias, muitas vezes, ao custo de humilhação e exploração de outras pessoas e classes sociais e, portanto, suas reações são de demérito e críticas à cultura do cancelamento.

Nesta regularidade podemos identificar, facilmente, que há a disputa de, pelo menos, duas perspectivas: uma institucional, que tem caráter conservador e, portanto, defensiva e ofensiva à cultura do cancelamento, e outra que podemos conceber como popular, porque advém daqueles excluídos das esferas institucionais de poder, que reclamam reparações para suas inserções em contextos sociais mais amplos. Assim, temos mais um aspecto epistêmico balizador da definição do fenômeno.

### *Relações discursivas*

Dizem respeito às ações engendradas pelos representantes dos movimentos reivindicadores de voz, principalmente, em meios de mídias digitais e redes sociais, que viabilizam a escalabilidade do fato ao alvo do cancelamento. Visa ao ajustamento de condutas a partir do que é considerado transgressão social, em relação ao posicionamento ou atitudes de pessoas ou instituições, em posições de privilégio, frente a minorias invalidadas e oprimidas pelos discursos daquelas.

Neste quesito, é possível visualizar, de forma patente, a importância do discurso para o estabelecimento da ordem social, visto que, é a partir das relações que se engendram sobre ele que reside um dos

pontos de formação da cultura do cancelamento à luz da *episteme*. Os limiares desenhados pelas relações discursivas possibilitaram a formação da cultura do cancelamento, dentre outros fatores já elencados nesta seção, justamente, porque os discursos opressores tomados com naturalidade pelas sociedades, durante muito tempo, passaram a se transmutar em ofensas contra parcelas significativas da população. É o limiar de mudança entre o que as relações discursivas compunham na sociedade. Anteriormente, havia manutenção de privilégios, de um lado, e opressões, de outro, e agora, aquelas relações são reconfiguradas em seus limites para que os lugares se invertam, ainda que de modo intermitente e temporário, viabilizando mudanças nas regras sociais e na própria sociedade, tendo por força a cultura do cancelamento. Note-se que o mesmo discurso proferido, livremente, pelas pessoas, que remetia a ofensas e a desvalorizações contra outras pessoas ou classes, ainda que assim não fosse encarado, é transformado, ele mesmo, em discurso condenável e que não deve ser mais proferido por conter elementos que atingem outras pessoas e classes, doravante, reivindicadoras de respeito as suas posições sociais e podem lançar mão de recurso punitivo, como a cultura do cancelamento, com vistas a inibir tão ação.

Por fim, um último aspecto a ser identificado na *episteme* da cultura do cancelamento é que é um fenômeno, dentro de uma delimitação temporal, que se deslocou rapidamente nos últimos anos. Constituindo-se e se transformando em seus limites, visto que surgiu como um recurso poderoso ofertado pelo contexto das mídias digitais e sociais e fora tomado pelas minorias oprimidas das sociedades, gerando for-

tes impactos nas imagens sociais e recursos financeiros dos alvos de sua ação. Todavia, nos últimos anos, a cultura do cancelamento sofreu ajustes e continua como fenômeno em transformação, pois já se sabe que suas consequências são, em sua maioria, pontuais e passageiras a seus alvos, no entanto, continua como poderoso regulador para adequação dos discursos e práticas sociais.

## Conclusão

Ao se considerarem os fatores necessários para uma *episteme* foucaultiana e sua perspectiva, conseguimos situar, de modo satisfatório, os aspectos promotores da cultura do cancelamento, de modo que esta visão consegue abarcar a compreensão dos elementos formadores do fenômeno em suas discordâncias, regularidades, pluralidades, delimitações e mudanças, tendo em vista a diversidade de partes que aquele aglutina a respeito de sua existência. Assim, os fatores mencionados, concomitantemente, com as injustiças sociais não reparadas pelas sociedades, convergiram para que a cultura do cancelamento se impusesse enquanto fenômeno complexo de transformação da contemporaneidade. A *episteme*, por seu turno, carrega consigo a possibilidade de conceber a ordem constitutiva e a singularidade da existência histórica desse fenômeno, e por conseguinte, as diversidades do período em que se situa e da sua constituição metamórfica. Isto porque, nessa perspectiva da *episteme* foucaultiana, não se pretende, nem é possível, abarcar todas as possibilidades de definição e encerramento de um fenômeno, ou objeto, haja vista considerar que os eventos se constituem de todos os aspectos já citados

e se encontram em constantes mudanças nas suas características, sem pretensão de encerrá-lo numa definição e origem exatas.

Dito isto, ao situarmos os fatores componentes da *episteme* em correspondência com as circunstâncias e características para surgimento e existência da cultura do cancelamento, pudemos conceber que a expansão da internet e das mídias sociais, em termos de acessibilidade, foi um dos pontos mais fortes e característicos para a formação do fenômeno, visto que apareceu nas circunstâncias elencadas para a *episteme* nas condições históricas (tempo), no campo da exterioridade (espaço), nas relações institucionais e nas relações discursivas, demonstrando-se fator decisivo para o surgimento da cultura do cancelamento, porém, não os únicos, mas é inegável a importância atrelada elas àquelas expansões e ao fenômeno estudado. Além disso, a organização dos movimentos sociais ganha força graças a esse cenário. Contudo, também se apresenta como força imprescindível ao aparecimento do objeto estudado, por ser motriz na existência deste e é um argumento reforçado pela sua aparição em mais de uma condição dentre as enumeradas para correspondência entre *episteme* e o fenômeno em foco.

Ambos os fatores citados acima têm destaque na composição da *episteme* para compreensão sobre a formação da cultura do cancelamento. Apesar disso, não seriam suficientes para tal intento, fazendo-se, assim, tão importantes quanto eles, os outros fatores particulares a cada uma das condições e entremeados delas. Deste modo, ao passo que a *episteme* cumpre seu papel na tarefa a que se presta este trabalho, constatamos, também, a convergência

que a perspectiva foucaultiana oferece em relação aos auspícios da contemporaneidade e do conhecimento nesta era, excepcionalmente, pelo caráter metamórfico e impermanente de suas ontologia e epistemologia.

Podemos, então, inferir, em resposta à pergunta norteadora deste ensaio teórico, que é possível, a partir do desvelamento de práticas discursivas componentes da *episteme*, compreender a cultura do cancelamento, seu surgimento, sua existência e os itens legitimadores para que se exerça tal atividade contra aqueles que se contrapõem às novas ordens sociais vigentes, naquele contexto histórico onde se dá o acontecimento.

Adicionalmente, pudemos identificar relações entre a variabilidade e a multiplicidade de perspectivas que circundam a conceituação da cultura do cancelamento com as epistemes foucaultianas, dadas as suas estreitas ligações permeadas pelas regularidades (temporal, espacial, institucional e discursiva), que justificam as epistemes acessadas por distintos setores sociais para elaboração de um conceito para o fenômeno, derivando de posições diversas, porém acessando tais possibilidades epistêmicas sobrepostas ou interrelacionadas, dentre elas.

Por fim, um aspecto que circundou o tema da cultura do cancelamento em nossas pesquisas foi a ética que envolve o tema, bastante requisitada nos discursos a respeito. Suscitamos esta linha de visão por este trabalho se tratar de um ensaio teórico, a partir do qual sugerimos, a título de pesquisas futuras possíveis, abordagens sobre o fenômeno à luz da ética foucaultiana.

## Referências

- AMARAL, A.; SOUZA, R. V.; MONTEIRO, C. "De westeros no #vem-prarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira". Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. **Galáxia**, São Paulo, n. 29, p. 141-154, 2015.
- AQUINO, M. G. D. Noções de sujeito e poder em leituras foucaultianas e sua influência nos estudos de organizações e gestão de pessoas. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 17, n. Cad. EBAPE.BR, 2019, v. 17, n.3, jul. 2019.
- CAMARGO, T. I.; LEÃO, A. L. M. DE S. Pague e Peque: Uma Arqueologia do Discurso do Adultério Mercadorizado. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, n. 6, nov. 2015.
- CAMARGO, T. I.; SOUZA-LEÃO, A. L. M. DE; MOURA, B. M. A Ordem do Cânone: Episteme da Produção Discursiva de Fãs de ASolaF sobre GoT. **Revista Organizações em Contexto**, v. 16, n. 32, p. 365–398, 2020.
- CAMILLOTO, B.; URASHIMA, P. Liberdade de expressão, democracia e cultura do cancelamento. Guanambi: **Revista de Direito da Faculdade Guanambi**, v. 7, n. 2, p. 1–25, jul. 2020.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORREIA, M., RÊGO, G. & NUNES, R. Gender Transition: Is There a Right to Be Forgotten?. **Health Care Anal.**, v. 29, p. 283–300, 2021.
- COSTA, F. Z. Da N.; GUERRA, J. R. F.; SOUZA-LEÃO, A. L. M. DE. O solo epistemológico de Michel Foucault: possibilidade de pesquisa no Campo da Administração. Santa Catarina: **Revista de Ciências da Administração**, v. 15, n. 35, p. 168–179, jan. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273528929013>. Acesso em: 04 jan. 2023.
- COSTA, F.Z.N; SOUZA-LEÃO, A. L. M. DE. A vida organizada dos fãs de Harry Potter. **Organizações & Sociedade**, v. 25, n. 84, p. 122–154, mar. 2018.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GONÇALVES, L.; DUARTE, G. A. O homem social nas redes sociais: um estudo de caso sobre a cultura do cancelamento. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. In: **Anais do [...]**. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1059-1.pdf>. Acesso em 20 jan 2023.

HOFF, T.; TEIXEIRA, L.; OLIVEIRA, A. Comida do futuro e cancelamentos no presente: disputas midiáticas no caso Paola Carosella. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. In: **Anais do 43º Congresso INTERCOM**. Belém, 2020. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0956-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

INOCÊNCIO, L.; REBOUÇAS, D. Memes e cultura do cancelamento no tribunal da internet. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais do [...]**. São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt5-cd/luana-inocencio.pdf>. Acesso em 20 jan 2023.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LOKHANDE, G.; NATU, S. You are cancelled: Emergence of cancel culture in the digital Age. **IAHRW International Journal of Social Sciences Review**, v.10, n. 2, p. 252-259, jun. 2022.

LOPES, M. A. P. A cultura do cancelamento no dispositivo midiático: subjetividade e prática de si. **Revista GEL**, v. 19, n. 1, p. 146-164, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/3225/2102>. Acesso em: 20 jan 2023.

MATHEUS, E.; RAMOS, C. (2021). **Gênero, sexualidades e mídias: A "cultura do cancelamento" e suas pedagogias**. Realize Editora, 2021. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/cinabeh/2021/ebook1/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV149\\_MD1\\_SA21\\_ID566\\_1203202111512.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/cinabeh/2021/ebook1/TRABALHO_COMPLETO_EV149_MD1_SA21_ID566_1203202111512.pdf). Acesso em: 09 jan. 2023.

MAYER-SCHONBERGER, V. **Delete: The virtue of forgetting in the digital age**. Revised, ed. Princeton University Press, 2011.

MUELLER, T. S. Blame, then shame? Psychological predictors in cancel culture behavior. **Social Science Journal**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03623319.2021.1949552>.

NORRIS, P. Cancel Culture: Myth or Reality. **Political Studies**, p. 1-30, 2021. <https://doi.org/10.1177/00323217211037023>. Acesso: 18 nov. 2022.

PEREIRA DE SÁ, S.; PEREIRA ALBERTO, T. Bigmouth Strikes Again: The Controversies of Morrissey and Cancel Culture. **American Behavioral Scientist**, 2021. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00027642211042291>. Acesso em: 08 jan. 2023.

SAGE, R. A New Woke Religion: Are Universities to Blame? **Journal of Higher Education Policy and Leadership Studies**, v. 3, n. 2, p. 29-51, 2022. Disponível em: <https://johepal.com/article-1-214-en.html>. Acesso em: 07 jan. 2023.

TANDOC, E. C. *et al.* #CancelCulture: Examining definitions and motivations. **New Media and Society**, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/14614448221077977>. Acesso em: 05 jan. 2023.

THIRY-CHERQUES, H. R. À moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 1, n. 81, p. 215-248, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ln/a/pcFq8fmfKs3tvS9z5ZRxGCD/?lang=pt>. Acesso em: 04 jan. 2023.

VILCHEZ, I. V.; COELHO, C. N. P. Cancelados: a cultura do cancelamento na sociedade do espetáculo. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1185-1.pdf>. Acesso em: 05 jan 2023.

#### DADOS DOS AUTORES

##### GRAYCI KELLI DE FREITAS PATROCÍNIO

(UFPE) - *Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Administração (PROPAD) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Administração pela Faculdade Boa Viagem (FBV-DeVry), é historiadora formada pela UFPE. ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-2227-7997>. E-mail: [graycikelli@gmail.com](mailto:graycikelli@gmail.com)*

##### ANDRÉ LUIZ MARANHÃO DE SOUZA-LEÃO

(UFPE) - *Doutor em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPE. ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-7660-5845>. E-mail: [andre.sleao@ufpe.br](mailto:andre.sleao@ufpe.br)*